

## O USO DE *VOCÊ* INDETERMINADOR DE SUJEITO – UMA ÓTICA DA GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Caio Cantanhede

Mestre em Linguística Aplicada Estudos da Linguagem pela PUC-SP

**RESUMO:** Neste trabalho, apresentamos o pronome *você*, registrado normalmente como pronome referente à segunda pessoa, utilizado como pronome indeterminador de sujeito. Existem estudos realizados sobre tal fenômeno, com foco analítico voltado a registros informais de oralidade; mas, ao se tratar de variação linguística, há certo estigma, uma vez que a abordagem ocorre amplamente na tratativa apenas de registros informais. Por meio desta análise, comprovaremos que a variação linguística é um fenômeno comum na língua pela perspectiva da Gramaticalização com base em Cazario, Martelotta e Votre. Mostraremos, também, que o uso de *você* indeterminador de sujeito é comum também em textos formais. Para tanto, apresentaremos a análise de uma palestra sobre Literatura transmitida pela *TV Cultura*, no programa dominical *Café Filosófico*, em que, comumente, o registro de fala é formal. Sob o enfoque do paradigma da gramaticalização, indicaremos as mudanças linguísticas que contribuíram com o percurso histórico de *você* e as causas que o levaram à utilização como indeterminador de sujeito. No programa, encontramos 34 ocorrências de *você*, sendo que, em 27 delas, o apresentador utiliza-o como pronome para indeterminar o sujeito (inclusive ouvintes, telespectadores e leitores em geral). As análises dessas ocorrências levam-nos a concluir que *você* pode ser utilizado na segunda pessoa do singular, e, também como terceira pessoa do singular/plural para indeterminar o sujeito. Entretanto, este uso também ocorre no sentido de *nós* (ou *a gente*), ou seja, indetermina um sujeito grupal que inclui, inclusive, o próprio falante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronome Você, Gramaticalização, Palestra.

**ABSTRACT:** In this paper, we introduce the pronoun *you* normatively registered as a pronoun referring to the second person, used as an indeterminating subject pronoun. There are studies performed on this phenomenon, with an analytical focus on oral records; but when it comes to linguistic variation, there is a certain stigma, since the approach occurs largely in the treatment of mostly informal registers. By this paper, through this analysis, we'll prove that linguistic variation is a common phenomenon in the language from the perspective of grammaticalization based on Cazario, Martelotta and Votre, and we'll show that the use of *you* indeterminator of subject is also common in formal writing. To do so, we'll present the analysis of a lecture about literature transmitted by *TV Cultura*, in the sunday program *Café Filosófico*, where, commonly, the speech record is formal. Under the paradigm of grammaticalization, we'll indicate the linguistic changes that contribute to the historical path of *you* and the causes that led you to use as subject indeterminator. In the lecture, we found 34 occurrences of *you*, and in 21 of these the speaker uses the pronoun to indeterminate the subject (including listeners, viewers and readers in general). Analyzes of these occurrences lead us to conclude that *you* can be used in the second person of singular and third person of singular or plural to indeterminate the subject. However, this use also occurs in the sense of us, in other words, indetermine a group subject that includes, even, the speaker himself.

**KEYWORDS:** You, Grammaticalization, Lecture.

## **Considerações Iniciais**

Com o desenvolvimento do presente trabalho, pretendemos evidenciar o processo de gramaticalização sofrido pelo índice de indeterminação do sujeito, o pronome *se*, a partir da substituição de seu uso pelo pronome pessoal de tratamento *você*.

Dentre os estudos funcionalistas da Língua Portuguesa, especialmente em meados da década de 1960, uma teoria tem recebido destaque por comparar a gramática a um “organismo vivo”, em constante mutação e emergência de novas significâncias. Desta forma, a teoria da gramaticalização obteve força e reconhecimento no universo linguístico por caracterizar claramente o processo variacional sob o qual elementos e itens gramaticais transformam-se, via pressão de informatividade.

Segundo Palma (2004), essa mutabilidade decorre da pertença dos falantes a grupos sociais distintos, apresentando formas de expressão muito variadas entre si, daí a heterogeneidade do sistema. Visto que a linguagem é um patrimônio nacional, de uso coletivo e de ampla receptividade, ou seja, compreendida por todos os cidadãos residentes naquela sociedade, naquele período de tempo, é de fundamental importância a percepção da base estrutural da gramática – tida como um conjunto de regras normativas para padronização do discurso escrito, predominantemente – como um item em formação e em ascensão pela condução dos indivíduos em suas interações sociais.

No processo analítico da amostra, observamos o contexto situacional e interativo do programa para a construção do foco de pesquisa na fala majoritária do jornalista e apresentador (com abertura ocasional a perguntas dos espectadores presentes e via comunicação *online*). Com relação ao tema proposto no programa, realizamos a transcrição de diversas passagens transmitidas pelo jornalista, as quais denotam a ocorrência da gramaticalização da forma *você* em substituição ao uso de *se* junto ao sujeito, para caracterizar a fala direcionada à terceira pessoa, no singular ou no plural, conforme o contexto pretendido.

## **Como se entende variação linguística?**

As abordagens feitas nos livros didáticos acerca do tema “variação linguística” estão constantemente voltadas a ocorrências provenientes da oralidade em contextos informais. É evidente que a língua sofre processos de variação principalmente por usos orais e informais, porém não são somente estes aspectos que acarretam variações.

Cereja e Magalhães, por exemplo, abrem o capítulo 3 “*As variedades linguísticas*” da gramática que elaboraram (*Gramática – texto, reflexo e uso*) com uma tirinha de Mauricio de Sousa, cujas personagens são Chico Bento e Zé Lelé. Nesta, Chico Bento oferece leite com manga a Zé Lelé utilizando palavras típicas da oralidade caipira do interior de São Paulo. Zé Lelé confunde manga (a fruta) com manga (de roupa), o que constitui o humor da tira. Depois, há um exercício em que o aluno deve colocar em norma padrão as palavras de Chico Bento, identificar qual palavra tem duplo sentido e conceituar variedade linguística, diferenciando norma culta de norma popular.

A palavra *uso*, no título desta gramática, leva-nos a inferir que essa gramática aborda também a língua em uso real. E, com base nisto, poderíamos prever uma seção dedicada ao assunto de variação linguística. Iniciar a seção com Chico Bento coloca o assunto em um lugar de pouca importância, uma vez que se trata de um personagem cômico e que é comumente conhecido como alguém que fala “errado”. A impressão que temos com essa tira é que a variação é um erro e não uma forma dentre outras diversas de “fazer uso” da língua.

O exercício que segue, após a tira, pede para o aluno fazer uma “higienização” da fala de Chico Bento, por meio da interpretação de como aquelas palavras devem ser escritas, de acordo com o que se aprende na escola, que, segundo os autores, é a norma culta. A escola não ensina algo irrelevante, mas somente o que é de fato importante para a utilização na vida social. O exercício conota, pois, que variação não é relevante. Sabemos que o papel da escola não é ensinar apenas norma culta, mas, também, ensinar o aluno a lidar com as diversas linguagens dentro da Língua Portuguesa do Brasil. A palavra *manga* é explorada somente no âmbito da diferença de significado dicionarizado, não explicando sua relação com variação linguística.

Quanto à conceituação, o problema está em reduzir variação linguística em norma padrão e norma popular. Os autores explicam que norma culta é a de maior prestígio social, e que norma popular é constituinte de outras formas de variedades, diferentes da

língua padrão. O reducionismo aqui leva a entender que norma padrão é a mais importante, uma vez que as outras formas, resumidas a um único conceito, são as “diferentes”. *Prestígio e diferente* são antagônicas na explicação dos autores, em que prestígio está no lugar do correto, do ensinado na escola e aceito socialmente, e o diferente no lugar do vulgar, de pouco valor e de pouca importância social.

O capítulo da gramática em questão é uma pequena amostra do que ocorre em grande parte das abordagens sobre variação linguística. Este tipo de abordagem cria certo estigma no assunto, pois a variação linguística é vista como um desvio da norma padrão o qual deve ser aceito para evitar o rótulo como preconceituosos, entretanto, deve-se seguir o padrão. O que pouco se entende é que a variação linguística é um fenômeno natural da língua e que a norma padrão, assim como as outras variações, também sofre mudanças com o decorrer do tempo.

Araújo e Almeida, no artigo *A língua portuguesa falada em Feira de Santana-BA: Fundamentos teórico-metodológicos e critérios para a construção da amostra*, afirmam que os fatos linguísticos têm natureza social e, dentre eles, o da mudança linguística. O que queremos dizer é que língua muda ou varia à medida que a sociedade se transforma. Em paralelo, a norma padrão da língua sofre este processo, afinal, faz parte da linguagem. Um bom exemplo a ser citado é o pronome *você*, que, por muito tempo, foi visto como um pronome de uso não-padrão, inadequado e popular. Hoje, existem gramáticas nas quais *você* está registrado como pronome do caso reto de segunda pessoa, embora sua conjugação seja na terceira pessoa. A transformação de *você* não parou aí: o processo de gramaticalização é a manifestação desta instabilidade das línguas e emergência da gramática.

A gramaticalização é uma manifestação do aspecto não-estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas. (Cezário, Martelotta, Votre, p. 49)

É necessário o entendimento de que variação linguística não ocorre somente nas normas ou usos não padrão: o fenômeno se constitui continuamente em todos os aspectos da língua, na oralidade, na fala e na escrita, em contextos informais e, inclusive, nos formais. Desta forma, é possível compreender que a gramática é emergente e está em constante mudança, uma vez que não está concluída, terminada, pronta. Para entendermos

acerca de mudança linguística e emergência da gramática, é apresentado neste trabalho, sob o paradigma da gramaticalização, exemplos de uso de *você* como indeterminador de sujeito sendo utilizado em contexto formal oral por um falante letrado. Assim, pode-se observar que as mudanças linguísticas não estão aquém da norma padrão, como sugere a Gramática supracitada.

Vale a pena salientar que Assunção e Almeida, no artigo publicado no livro *Variação Linguística em Feira de Santana – Bahia*, mostram que o uso de *a gente* e *você* indeterminador de sujeito são reais e recorrentes em discursos de falantes de Feira de Santana–BA. Contudo, os registros analisados são de contextos informais e de falantes com escolaridade baixa, em sua maioria. Por esta análise, trabalha-se com a hipótese de que o mesmo ocorra com falantes mais escolarizados e em contexto formal, por meio de amostras de um texto formal oral do gênero “palestra”, expresso por um jornalista e escritor, atuante na cidade de São Paulo.

#### **Apoio teórico-metodológico: gramaticalização**

Gramaticalização é um processo de mudança linguística que leva um item lexical a tornar-se gramatical, um item menos gramatical a tornar-se mais gramatical, um item mais gramatical a tornar-se menos gramatical, ou ainda, um item gramatical a tornar-se discursivo, mais inteligivelmente dependente do contexto onde é utilizado. Dentre os diversos sentidos da palavra “gramaticalização”, utilizamos o sentido visto em Martellota, Votre e Casario, no artigo *O paradigma da gramaticalização*, no qual a gramaticalização é um processo unidirecional em que os itens ou construções sintáticas gramaticalizam-se e continuam se gramaticalizando, saindo da instabilidade de significados do discurso e entrando nas limitações de sentido da gramática.

Gramaticalização é um termo que tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. (Cazario, Matelotta, Votre, p. 45)

Os autores entendem que as limitações ou restrições gramaticais, de acordo com Votre, são caracterizadas por regularidades manifestadas na ordenação vocabular e de regência, nas relações de concordância de gênero e número em substantivos, pronomes,

adjetivos e nas relações de números e pessoa, modo, tempo, aspecto e voz verbal. Entendem também os itens lexicais como elementos protótipos, que se referem a elementos biossociais, ou seja, entidades, ações e qualidades.

Os elementos gramaticais organizam a disposição do léxico no discurso, ligando partes, fazendo referência ao que já foi dito e ao que será dito; sinalizam, com expressões marcadoras de tempo aspecto e modo, as interações. A gramaticalização realiza-se, pois, quando um item lexical, por força do uso, torna-se um elemento gramatical, deixando de pertencer ao inventário “aberto” da língua e passando a pertencer ao inventário “fechado”. Deste modo, não se pode afirmar que esse item não volte a ser lexical e chegue ao nível do discurso, obviamente, com sentido diferente do inicial.

Com base em uma análise a respeito da gramaticalização do advérbio *aí*, os autores descrevem algumas trajetórias de mudança linguística partindo da concepção do paradigma da gramaticalização, a saber, a trajetória:

- a) de elemento linguístico do léxico à gramática;
- b) de vocábulo a morfema;
- c) de elemento linguístico da condição de menos gramatical (menos regular) a mais gramatical (mais regular);
- d) de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial, caracterizado pela perda de significados extralinguísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais relativos à organização interna dos argumentos;
- e) que leva uma construção sintática a se especializar em expressar uma função gramatical;
- f) de processos de repetição do discurso, no que se refere a criação e intenção, em direção à gramática pela sua regulação e sistematização;
- g) que leva construções negativas relativamente livres a se tornarem mais fixas em função de estratégias discursivas determinadas.

De acordo com Carvalho e Gonçalves, citando Hopper (1991), a gramática de uma língua é emergente. Isso significa que sempre haverá mudanças nas formas e conteúdo de um item gramatical. Hopper (1991) aponta cinco parâmetros para se constatar o processo de gramaticalização de um item:

1. **Estratificação**, por diversas camadas de significados/sentidos atribuídos em um item;
2. **Divergência**, onde o sentido novo e os antigos são atribuídos ao mesmo item por um período de tempo;
3. **Especialização**, pelo momento do processo de mudança em que o novo sentido é mais atribuído que os velhos;
4. **Persistência**, na fase da mudança em que alguns semas permanecem no item já gramaticalizado;
5. **Descategorização**, quando o item perde totalmente as marcas morfológicas e sintáticas, como nomes e verbos, assumindo uma função mais gramatical, como advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos, ou chegar a zero.

Ainda havendo diversos estudos que categorizam o percurso de um item em gramaticalização, focamos neste trabalho o postulado de Martelotta, Votre e Cazario e de Hopper para nossa análise.

### **O sujeito, a indeterminação do sujeito e o pronome *você***

Na abordagem do sujeito gramatical, discutir-se-á primeiramente o conceito com base em gramáticas mais tradicionais e, em seguida, com base em propostas funcionalistas relacionadas diretamente com o paradigma da gramaticalização.

Para Tutano (1985), o sujeito é aquele cujo núcleo pode ser constituído de um pronome pessoal, de um substantivo ou palavra (expressão) substantivada, ou de um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo ou indefinido. Afirma também que o sujeito com o predicado são termos essenciais, embora também que existam orações sem sujeito ou sujeito indeterminado. O sujeito indeterminado, para o autor, é aquele que existe, mas que não se pode saber de quem se trata: “(...) *indeterminado* – *Ocorre quando não há referência nenhuma a quem praticou a ação verbal. Observe-se que o sujeito existe, apenas não pode ser identificado*”. *Você* aparece aqui como pronome de tratamento, correspondente a um pronome de tratamento, e, deste modo, leva o verbo a ser conjugado na terceira pessoa.

Cegalla (2004) registra sujeito como um termo essencial da oração e como um ser de quem se diz alguma coisa. O sujeito indeterminado nesta gramática é visto como um agente verbal explícito, pelo uso do verbo na terceira pessoa do singular ou na terceira do plural, onde se usa a pronome *se*; *você* aparece como pronome de tratamento familiar, conjugado na terceira pessoa. Celso Cunha (2010) em *Gramática do Português Contemporâneo* afirma que *você* é uma forma de tratamento que equivale a pronome pessoal de segunda pessoa. Diz também que sujeito é de quem se faz uma declaração. O sujeito indeterminado, segundo o autor, não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou porque não há interesse no seu conhecimento, usado sempre em terceira pessoa, no singular com pronome *se*.

Azeredo refuta tais gramáticas afirmando que não se pode dizer que o sujeito é sobre quem se declara algo, ou agente verbal, ou objeto verbal (paciente); que sujeito é um espaço funcional na oração constituída por um substantivo ou pronome substantivo. Salienta, por meio de exemplos, que, por vezes, confunde-se o sujeito com objeto de verbo constituído por substantivos ou pronomes também. Posiciona o sujeito indeterminado como um caso em que não há o preenchimento do espaço do sujeito devido à impossibilidade de estabelecê-lo relação com algum item léxico da língua. Azeredo registra *você* como forma de tratamento.

Temos visto, até aqui, nestas definições, que o sujeito é um termo da oração, o principal e, a partir dele, os demais termos tem seu sentido. Podemos observar que Azeredo é o único o qual trata sujeito como algo independente de sentido ou significado, dissociado de funções semânticas. O sujeito indeterminado é um sujeito o qual não se pode identificar no enunciado, pois não há indício de quem este seja. O uso de *você* está restrito a pronome de tratamento utilizado como pronome pessoal de segunda pessoa, mas não aparece nas seções de pronome pessoal em nenhuma gramática. O pronome *você* não está registrado como indeterminador de sujeito, como é o caso do *se*.

Por meio de um exemplo de uso do pronome *você*, em sua dissertação, Cantanhede (2016) afirma que, em termos funcionais, o pronome pode aproximar o locutor do interlocutor, proporcionando interação entre ambos, e que pode ser usado como sujeito da oração, se assim for conveniente ao falante. Isto quer dizer que a escolha de *você* indica uma intencionalidade: a aproximação dos participantes da oração. Não há apenas uma

função gramatical designada a *você*, exemplificada por Cantanhede em “(...) *você* será atendido por profissionais experientes (...)”, a qual aproxima os participantes; esta seria menos favorável em termos de interação caso construída na forma: “profissionais experientes atenderão *você*”. O exemplo mostra que a função de *você* depende da vontade do usuário. Esta é uma visão funcionalista da língua, na qual o sujeito da oração é apenas um participante do processo ou ação verbal. O verbo, neste caso, é o principal elemento da oração, e não o sujeito.

Pela visão funcionalista, no que diz respeito especificamente à gramática sistêmico-funcional, todo o sentido de uma oração parte do processo (ou verbo) para os participantes ou, em uma perspectiva mais tradicional, entre sujeito, complementos e objetos. As considerações das gramáticas tradicionais muito nos importam como ponto de partida para análise, embora nosso foco tenha base na visão funcionalista da língua, uma vez que a gramaticalização é, por excelência, uma vertente funcionalista.

Para a linguística funcional, o sujeito é, quase sempre, um tema, ou seja, o item que vem em primeiro lugar na oração. Esse tema-sujeito é predominantemente um nome ou um pronome, enquanto o tema é uma informação velha, já conhecida. Quanto maior o lado esquerdo do sintagma nominal, mais ele tende a ficar anteposto ao verbo. Quanto maior o lado direito, mais ele tende a ficar posposto ao verbo, ou seja, o sujeito pode vir antes ou depois do verbo (Castilho, 2000). O sujeito desempenha a função de dar ou solicitar bens e serviços ofertando, declarando, comandando ou perguntando, ou seja, faz proposições ou propostas, podendo ser representado por um grupo nominal, Halliday (1994).

O funcionalismo nos mostra que *você* pode funcionar como sujeito de uma oração, uma vez que atua como pronome e indica participantes da ação verbal. Por funcionar como pronome, é dêitico e pode referir-se a qualquer elemento extralinguístico ou participante não identificado/explicitado no momento da fala. *Você*, então, pode vir a funcionar como pronome indeterminador de sujeito, sendo usado, por exemplo, no lugar do pronome *se*.

Como vimos, o uso de *você* aproxima o auditório, ou seja, mexe com as paixões do público, fazendo com que se sinta identificado ou parte daquela determinada ação expressa pelo verbo. Um bom orador necessita desta estratégia para convencer seu

auditório, o que acontece no programa apresentado a seguir, a qual constitui o *corpus* deste trabalho. Nesta, o uso de *você* indeterminador de sujeito, ou em lugar do pronome *se*, é verificável no discurso do apresentador.

### **O corpus**

O *corpus* deste trabalho é um episódio do programa *Café Filosófico*, transmitido pela *TV Cultura* e publicado no *YouTube* em 19/10/2017. Este é dividido em duas partes, “A literatura depois do surgimento da internet” e “Literatura 2.0”, cujos endereços dos vídeos são, respectivamente:

[https://www.youtube.com/watch?v=BOV\\_SU-yDpI](https://www.youtube.com/watch?v=BOV_SU-yDpI) (vídeo1)

<https://www.youtube.com/watch?v=0EtJrC3BU04> (vídeo 2)

A escolha do *corpus* foi criteriosa por se tratar de um texto de gênero formal e oral. Como dito, a variação linguística é vista, popularmente, como algo anômalo na língua, que ocorre em ocasiões informais com falantes não letrados, em regiões mais interioranas do país, como indica o primeiro exemplo da seção de variação linguística, na *Gramática-texto, reflexão e uso* de Cereja e Magalhães, que traz o personagem Chico Bento, da Turma da Mônica.

Neste *corpus*, o orador/falante em questão é o jornalista Paulo Roberto Pires, escritor, especialista em literatura e apresentador, atuante na cidade de São Paulo. O objetivo desta amostra é evidenciar que a variação linguística não é restrita às situações informais cujos falantes são pouco alfabetizados e residentes de regiões mais periféricas ou interioranas somente, via de regra pelo senso comum.

Observamos 34 ocorrências de *você* no discurso do jornalista. Dentre estas, evidenciamos abaixo 27 casos onde o uso de *você* indetermina o sujeito. O sujeito referente é pessoas do auditório particular, ou seja, as pessoas que assistiam ao programa naquele momento do discurso, pessoas que assistiam ao programa ao vivo, pessoas que poderiam assistir aos vídeos posteriormente, no site *Youtube*, e pessoas que leem literatura – o tópico discursivo da palestra desenvolvida.

Para testar a correspondência de *você* com o pronome *se* e, assim, constatarmos a indeterminação do sujeito, substituímos *você* por *se*. Nas tabelas, “Vídeo 1” e “Vídeo 2”, na primeira coluna encontra-se descrita a frase/período em que ocorre o suposto *você* indeterminador de sujeito, marcado em negrito, e, na segunda coluna temos o teste usando o pronome *se* no lugar de *você*. As locuções verbais são substituídas por um único verbo pleno correspondente, no caso, o verbo auxiliar excluído. Vejamos:

VÍDEO 1		
TRECHO	TESTE	MINUTOS
1 “ <b>Você começa</b> a ter o que eu chamo de uma reconstrução dessa vida literária, sobretudo, na virada dos anos 90 para 2000.”	Começa-se a ter...	00:07
2 “Quando que, a partir dos anos 90, <b>você começa</b> a lidar coma ideia de nova literatura brasileira.”	Começa-se a lidar...	00:34

VÍDEO 2		
TRECHO	TESTE	MINUTOS
3 “Todas as palavras são difíceis. <b>Quando você fala assim:</b> ‘Nova literatura brasileira’; nova? A primeira pergunta é ‘que novidade?’.”	Quando se fala assim...	02:38
4 “ <b>Você vai começar</b> a falar na nova literatura brasileira, ou, pelo menos, numa nova geração da literatura brasileira, sobretudo, nos anos 2000.”	Começa-se a falar...	02:45

5	“ <b>Você teve</b> toda essa literatura que remoía a experiência pessoal.”	Teve-se toda essa literatura...	03:15
6	“ <b>Você teve</b> coisas importantíssimas num outro registro.”	Teve-se coisas importantíssimas...	03:54
7	“ <b>Você entra</b> nos anos 2000 com uma coisa diferente...”	Entra-se nos anos 2000...	05:10
8	“ <b>Você tem</b> essa coisa estranha chamada internet...”	Tem-se essa coisa estranha...	09:12
9	“... na qual <b>você lê</b> e escreve...”	Na qual se lê e escreve...	09:15
10	“... na qual <b>você escreve</b> e publica...”	Na qual se escreve e publica...	09:17
11	“... na qual <b>você publica</b> e <b>você ganha</b> os seus leitores...”	Na qual publica-se e ganha-se os seus leitores...	09:21
12	“... na qual muito perigosamente <b>você é</b> assistido...”	Se é assistido...	09:24
13	“... para que <b>você comece</b> a surgir...”	Para que se comece a surgir...	09:50
14	“... <b>você começa</b> a ter uma ideia...”	Começa-se a ter uma ideia...	14:12
15	“... <b>não dá para você dizer</b> “olha, o fulano de tal...”	Não dá para se dizer...	18:05
16	“... e <b>você tem</b> prêmios importantes...”	Tem-se prêmios...	18:38
17	“... internet bombando já na sua versão 2.0, ou seja, totalmente interativa, parte da nossa vida portátil no celular, <b>como você quiser</b> ...”	Como se quiser...	20:15

18	“No final <b> você não está entendendo</b> nada...”	Não se entende nada...	24:13
19	“... mais depressa <b> você lê</b> uma cópia de quarta categoria do Código da Vince...”	Lê-se uma cópia...	24:20
20	“... do que <b> você se arrisca</b> a ler...”	Arrisca-se a ler...	24:25
21	“Ou há um problema de <b> você chegar</b> no livro...”	Se chegar no livro...	25:42
22	“[...] porque, quando <b> você fala</b> assim: “não vende nada” porque você acha que alguém vai ficar rico com literatura, vai viver de literatura [...]”	Fala-se assim...	27:17
23	“... aí <b> você começa</b> a viver um certo delírio de autossuficiência.”	Aí começa-se...	32:02
24	“... <b> você viaja</b> , fala sobre literatura...”	Viaja-se...	32:08
25	“... quer que <b> você vá</b> escrever novela de televisão...”	Quer que se vá...	32:35
26	“[...] porque <b> você abre</b> uma porteira muito complicada em que vale tudo pela marca [...]”	Abre-se...	35:05
27	“... <b> você tem</b> hoje essas reações em bloco...”	Tem-se...	40:50

### Análise e discussão

O item  *você*  está registrado pelas gramáticas tradicionais como pronome de tratamento e, no máximo, é visto como pronome pessoal de segunda pessoa, muito embora a conjugação ocorra na terceira pessoa. Com o texto deste programa, podemos

observar que o item é utilizado também como indeterminador do sujeito correspondente ao pronome *se* indeterminador de sujeito.

Nas ocorrências do uso de *você* pelo jornalista, percebemos que ele se refere a um sujeito que não podemos concluir quem é especificamente, embora saibamos que se trata de um sujeito que lê literatura brasileira, vive no Brasil, interessa-se por literatura e por escritores brasileiros. Em diversos momentos, é explicado pelo jornalista o que os escritores pensam, falam e são submetidos a fazer, hoje em dia, no que diz respeito à literatura.

*Você*, aqui mencionado, está em processo de gramaticalização, pois, de acordo a gramática normativa, não é um pronome indeterminador de sujeito. Todavia, é inegável, ao ler os trechos do programa ou ao ouvi-lo, que o item é usado com sentido diferente de sua respectiva função. *Você* é originalmente resultado da junção do pronome *vossa* com o substantivo *mercê*, sendo atualmente uma forma de tratamento ou pronome pessoal. O item está presente em uma categoria gramatical, o pronome, e, agora, caminha no sentido de uma categoria ainda gramatical também. *Você* é usado, no discurso do jornalista, em um contexto formal, como pronome indeterminador do sujeito. De pronome pessoal e de tratamento, *você* chega a pronome indeterminador de sujeito, assim como o pronome *se*. O falante utiliza, em seu discurso, instintivamente os dois sentidos de *você*, sem que isso prejudique a compreensão, uma vez que ambas as formas de *você* são convencionadas pelo falante, pois, do contrário, ele não teria sua palestra divulgada em rede nacional. Ainda que diplomado e culto, naturalmente, Paulo Roberto apropria-se das transformações linguísticas da forma do pronome *você* já incorporada em seus atos de fala e da comunidade a quem se dirige.

O pronome *Você* está no estágio ou parâmetro chamado de *divergência* por Hopper. É usado tanto como pronome pessoal ou de tratamento, quanto como pronome indeterminador de sujeito, caminhando para o estágio em que a forma gramaticalizada será mais usada que as formas mais antigas. E, desta forma, conferimos que a variação linguística não ocorre apenas em contextos e com falantes específicos (subalternos, não letrados, silvícolas, interioranos), etc, mas que a língua varia em todas as suas instâncias, impulsionada pelos usos de qualquer falante, ainda que a gramática normativa não prescreva o uso variado, mudado ou gramaticalizado.

### Considerações finais

Verificou-se, com a análise conceitual do discurso emitido pelo jornalista Paulo Roberto Pires, no programa *Café Filosófico*, pela amostra selecionada, que a variação linguística, verificada, aqui, pelo processo de gramaticalização, ocorre, sem quaisquer padrões pré-determinados, em todas as camadas sociais no Brasil, por falantes das cinco regiões do país, com os mais variados graus de escolaridade em diversos contextos situacionais. Tanto em Assunção e Almeida quanto neste artigo de Cantanhede e Vianna, podemos perceber que o uso de *você* indeterminador de sujeito é uma realidade neste país, em discursos informais e formais, utilizado por falantes escolarizados ou não escolarizados.

A indeterminação do sujeito pelo uso da palavra *você*, que comumente é considerada pela gramática normativa como pronome de tratamento, ocorre substancialmente na fala do jornalista, evidenciando a mudança de sentido do item *você* ao substituí-lo pela partícula *se*, cujo uso é próprio para caracterizar a indeterminação de sujeito na oração.

Desta forma, denotamos, claramente, que a variação linguística e o processo de gramaticalização ocorrem em contexto formal e estão marcados nos usos da Língua Portuguesa, constatado, aqui, pelo uso da indeterminação do pronome *você*, o qual caminha a uma cristalização do uso em detrimento da função original da partícula *se*, em virtude da naturalidade interacional dos falantes, ou seja, pela criação do hábito e absorção cultural.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; ASSUNÇÃO, Janivam da Silva. “A gente e você: Formas de indeterminação do sujeito em Feira de Santana-BA”. In: *Variação Linguística em Feira de Santana-Bahia*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

AZEREDO, José Carlos. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

BECHARA, Evanildo C. *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras – Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

CABRAL, Sara Regina Scotta; FUZER, Cristina. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional*. São Paulo: Mercado das Letras, 2014.

CANTANHEDE, Caio Sousa. *Recursos retóricos para a realização da persuasão implícita em textos argumentativos – Um enfoque crítico da linguística sistêmico-funcional*. 2016, 73 f. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem. São Paulo: PUCSP, 2016.

CARVALHO, Cristina dos Santos; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Critérios de gramaticalização. In: *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 2000.

CAZARIO, Maria Moura; MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião José. *O paradigma da gramaticalização*. São Paulo, Cortez, 2011.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Nova minigramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 2004.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática texto, reflexão e uso*. São Paulo: Editora Atual, 1988.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

PALMA, Dieli Vesaro. “Gramaticalização, pensar metafórico, indeterminação do sentido e ensino de Língua Portuguesa”. BASTOS, Neusa Barbosa (org) In *Língua Portuguesa em Calidoscópico*. São Paulo: EDUC PUCSP, 2004.